


COIMBRA
LIVRARIA NEVES - EDITORA

== 1912 ==



De GARCIA PULIDO

Rompendo Fogo...

(A Renascença e o Inquérito)

Publicações
a
F.P.

*Composto e impresso na Tip.
Popular de J. Bizarro, R. da
Moeda, 52-55 - Coimbra.*



TIP. POPULAE, Rua da Moeda, 53-55 — COIMBRA

I

De entrada . . .

Alembrou-se o sr. Bôavida Portugal de enregar nas colunas de *A Republica* um inquerito á vida intelectual do país no almêjo de pôr a opinião publica ao facto do movimento literario contemporanêo caracterizado nos seus principais aspectos, espicaçando assim o interesse e gosto dum povo, meio caguinchas, meio Hercules, de ha muito só preocupado com a tarraçada de feijão branco que o badalar do meio dia lhe fará ingerir á falta de melhor piteu.

De todo o país chuveiros de monstruosidades ergueram pé e vieram convergir quasi ao cimo do Chiado. Posto de banda um ou outro conceito ajuizado, de todo aquele cascalhar de opiniões, salvam-se sómente os santos propositos do sr. Bôavida, a quem, todavia, cabe toda a responsabilidade das asneiras consumadas e das que estão para vir.

Queria-se apurar qual a orientação dos *novos*, a intensidade da luz ideal que os guia nos afano-

sos caminhos da Arte, a orquestração plastica da forma? Pois bem... Para se formar seguro juizo sobre totalas aspirações da geração, que nasce livre de peias, sedenta de luz, bastava lêr as publicações dos ultimos tempos volvidos.

Para interessar a multidão teria avondo que nas colunas da imprensa se começasse de fazer a critica sadia e honesta dessa obra de novos, aonde, ao lado de inferioridades reles, avultam rompantes de talento e resaltam opulentas promessas de largos vôos. Depois viria a discussão sôbrelas pareceres do critico, os interessados correriam a defender os pontos em que a injustiça ou a mediocridade de vistas os ferisse e alguma coisa resultaria de util.

Tresviado o sr. Bôavida deste campo, poderia ainda emendar a mão, se houvesse recorrido á chamada dos modernos artistas já publicados e conhecidos ou á perspicacia d'alguem que, observando o movimento de perto, podesse atirar para o publico juizos seguros e conceitos cimentados na veracidade flagrante dos factos.

Nada d'isto ele fez e de aí a rustilhada de baboseiras despejadas entre arrôtos vinharentos e o estralejar de chopas que se encastôam. Foi Julio de Matos o primeiro a vir á liça. Justamente o que nunca deveria ser chamado. Logo dos grupos explodiram rinchavilhadas de troça, depois a coisa redundou em pagodeira apalhaçada de feira e vai de aí as bôcas abriram-se em tremendos bocejos de tedio.

Se como psiquiatra Julio de Matos se afirmou um homem de sciencia e trabalho, digno do respeito e admiração de todos, como artista e critico jamais se notabilizou. Pertencente áquela geração que apedrejou formidandamente os nossos avós, Julio de Matos segrega ainda dos furunculos

positivistas, que lhe enrugam a pele, o orgulhoso desdem desses homens que, ao cabo da vida, veem em ruinará o templo a que haviam metido hombros.

As épocas fazem as gerações. O movimento passado tocou na realidade as culminancias dum esforço épico. Foram grandes a derruir.

Não será, todavia, menos extraordinario o empreendimento duma geração que erga sobre as ruínas do passado as peanhas robustas duma patria nova. Ao diante analisarei o depoimento do illustre homem de sciencia e, se neste logar feri o assunto, foi para demonstrar a leviandade com que se procedeu.

De resto o sr. Bôavida Portugal nunca deveria de dar publicidade á grande maioria das correspondencias, atenta a ocacidade de ideias e grosseria esturdia dos seus autores. Tratava-se duma discussão ponderada e séria, exigia-se, portanto, que surripiassem de todos os bolsos as naifas de ponta e mola. Coisas estas não sucederam assim. D'aí veio essa desgraçada questiunqueira, aonde se estão emporcalhando homens de incontestavel valor, que parecem varridos de siso, e que está fazendo descambar sobre a geração inteira cataratas de gargalhadas.

Ninguem os encara a sério, vendo-os engalfinhados em arrufos de galos pimpões, em cujas cabeças se lê a vaga hipotese duma crista. Ora o meio é por completo adverso ao culto dos grandes homens. Aqui desculpa-se a mais estrondosa patifaria, corôa-se de louros o maior sicario que os tempos possam parir, mas jamais se perdoará o *grande crime* de não ser parvo de todo. Vota-se tanto amor ao artista como á dôr de dentes. Isto acontecia mesmo quando, isolados na clausura do seu orgulho, se davam a conhecer á multidão simplesmente pelas suas obras.

Repare-se na desilusão que por'í não vai, ao vêr-se evolvar a nevoa misteriosa de isolamento que os cercava, para surgirem á luz da imprensa em toda a plenitude do seu ridiculo. E nada mais perigoso para o artista do que a campanha do ridiculo, num país pequeno aonde todos nos conhecemos uns aos outros e uns aos outros nos descompomos infatigavelmente.

O inquerito, alem de sumamente perigoso por o desalento que estramalha no país, vem a ser a maior vergonha dos ultimos tempos. Os seus efeitos contrabalançam os do terramoto de 55. Os velhos, aliás reputações formadas, cambalhottaram aos primeiros encontrões de dois ou tres novos de tento. Os outros limitaram-se a vibrar titubeantes pançadinhas de resultados nulos. Se alguma coisa isto produziu, alem de gargalhadas, foi maior confusão, mais acendrado desalento.

Mais valia não ter feito nada. O inquerito, após um mez de má vida, tem o aspecto desconsolador de casa de orates. Que dirão de tudo isto os estrangeiros, habituados a olhar com respeito religioso o Templo da Arte? Certamente julgam que, para cá dos Pirineus, um erro fatal de calendario transmudou o carnaval para o outono, e hão de achar extremamente divertido um país aonde os intellectuais se entreteem a fazer parodias á Batalha das Flores. Depois, se aparece por'í alguma Ratazi, cheia de verve e más intenções, que venha cá paparocar os bons jantares e vá lá p'ra fora dizer o que viu, toca a bater no peito como bons valentes, arrotando patriotismo e orgulho façanhudo.

O inquerito falhou pelo destempero das suas interrogações. Grande parte das perguntas eram extemporaneas e descabidas. Escreve o sr. Bôa-vida: «*O grande publico deseja encontrar nos*

livros o caminho a trilhar. E os livros andarão bem possuídos de idéas novas que seja preciso sagrar na alma do povo? E quem nos garante a nós que a revolução política entrou já nos livros, revolucionando as idéas? por eles o grande publico saberá já para onde caminha?»

Nada mais despropositado que esta serie de coisas... A todas estas perguntas já o tempo respondeu. Antero e Braga crearam a poesia revolucionaria ao mesmo tempo que se principiava a fazer a propaganda das novas ideias politicas.

No campo literario erguia-se a reacção contra a teocracia de Castilho, arvorado em soba; no campo politico declarava-se guerra ao constitucionalismo, tornado sofisma grosseiro pelas artes dos seus mandões.

Silva Pinto, Eça e Ramalho rompem desabridamente o fogo violento da ironia e sarcasmo, e sentiu-se então o primeiro estralejar do vigamento. Depois Junqueiro, Leal e Fialho, com o entusiasmo de quem descobre, ao longe, entre a fumaçeira da victoria, os pinaculos da *Terra Prometida*, atiraram o golpe de misericordia. Dês esse momento a Republica estava feita nos espiritos. Derrocara-se o mundo dos principios. Restava desalojar os homens. Esse trabalho pertencia á bôca das carabinas. A literatura cumprira a sua missão revolucionaria e dissolvente.

Era mister principiar a construir o novo edificio. D'aqui nasceram os « Simples », reatando a tradição perdida, vindo depois a musa portugue-sissima e carinhosa do grande Nobre, o lirismo extraordinariamente intenso de Fausto Guedes, Gil, Oliveira, Lopes Vieira, etc. etc. . . .

Não é o povo que ha de subir aos livros para de lá tirar elementos de renovação. E' o artista que descera á alma popular, para, inspirando-se na

sua grandesa, nos dar uma arte em cujas arterias circule o vigor duma nova seiva. Dês os « Simples » para cá, a tradição popular fortifica-se, vincula-se profundamente e, em Antonio Nobre, surge, enfim, o grande profeta que ilumina a arte contemporânea. *A revolução politica não entrou nos livros*, revolucionando as ideias, pois que a revolução das ideias é que produziu a convulsão politica. Alem de que, no movimento de outubro, nunca se poderá ver o triunfo soberano dum povo que parte as algemas de escravo, estrebuchando heroicamente.

A arvore que nos sombreava estava já tão curvada e desprendida do solo que não foi mister empregar o alferce para lhe romper as raízes. Bastou um simples sopapo, e logo o tronco se estirou por i afora, indo pousar a depenada copa alem das ondulações raiânas.

Lá para o norte, nos sitios aonde o contacto com a humidade fecunda do solo consentiu manifestações de vida, nasceram rebentos debeis e enfesados, que um simples bafo infantil estiolou. Daqui se forma o dilema: ou a Republica estava já feita nos espiritos por esse país afora, ou então um indiferentismo estrondosamente criminoso, cheio de vilesa e brutalidade, nos espesinha ainda. Inclino-me para o primeiro caso.

Em este passo escreve o sr. Bôavida — « Esta literatura revela novas aspirações e ideaes que nos possam abrir caminho na vida, repondo-nos no antigo logar de consideração mundial? ».

Em primeiro logar as aspirações de duas gerações, embora pouco distanciadas, nunca em tempo algum se identificaram completamente. Ha sempre nelas, até nas épocas de decadencia e penuria, qualquer coisa de proprio, que o tempo marca indelevelmente. Em segundo logar não

será só um movimento literario esplendoroso que ha-de alevantar no conceito do mundo um país de magrizelas finanças e forças guerreiras, mobilisadas com os cabos dos chuços que nos deixaram os valentes de Aljubarrota.

Vai por i uma assombrosa decadencia moral, cujas causas só a poder de tempo se poderão extirpar. E esqueletos desengonçados ostentam plas ruas o raquitismo duma raça que se desfaz em rebotalhos de trampa. Os gritos de suprema dôr, aventados por alguns peitos amantes do seu torrão, são abafados pelo ranger das maxilas da massa que se repasta gloriosamente. E assim é que, dêa a homérica epopeia maritima, por lustros sem conta, hêmos deslizado em saracoteios ofenbaquianos.

No resto do artigo (Sinfonia de abertura) escalpela o sr. Bôavida alguns intellectuais, cujos nomes não aponta, por se haverem recusado a tomar parte nos espinoteamentos da macabra dança. Tento, a meu vêr, tiveram esses homens. Junqueiro, Braga, Eugenio de Castro, Silva Gato, Correia de Oliveira, Augusto Gil, Lopes Vieira, João de Barros, Afonso Duarte, Martins Manso, Patricio e poucos mais mantiveram té ao presente uma atitude de silencio e reserva que a força do decôro os obriga a sustentar.

A abstenção destes homens é altamente significativa . . . e o publico ajuizado toma-la-á na devida conta. O silencio destes fala bem eloquentemente sobre todolo sarrabulho do inquerito . . .

Os Velhos

Bem arrependido deve de estar, a estas horas, o sr. Julio de Matos, de se haver embrenhado nesta barafunda literaria, e com êle mais alguns velhos, que desairosamente foram de vencida ante as arremetidas dos novos (*). Lutador de antigos tempos, justamente considerado plo saber e trabalho, acreditou talvez que isso bastaria para salvaguardar os seus pareceres de qualquer reparo que de justiça fosse. Coisas estas assim não sucederam e Julio de Matos, não sei se convencido do seu erro, após a réplica, não mais appareceu no tablado da imprensa. Abriu o depoimento pela confissão de que estava — *um pouco afastado* das questões literarias.

(*) Chamo as vistas do leitor para os depoimentos de Raul Proença, que valentemente se apresentou no campo levado por um desassombro pouco vulgar.

Todavia, e visto o empenho do redactor, sempre dirá que é assustadora a desorientação dos novos. Afirma estar arredado do campo, mas visto o empenho do redactor, Julio de Matos aventa ao publico, com toda a autoridade do seu nome, meia duzia de opiniões da maxima responsabilidade sobre leituras que não fez. E' assim que se estabelece a desorientação. E' assim que se vinculam no publico conceitos nebulosos e mal definidos, que esse mesmo publico sorve a haustos rijos.

De facto a desorientação existe com todos os seus sintomas alarmantes. Por toda a parte rompem desabridamente, saídos de peitos, aonde a incerteza mora, aflitivos gritos de angustia.

Atravessamos uma época de transição e, como todolos periodos semelhantes, ela é cheia de incertêza e borbórinho confuso. Mas a culpa não é dos novos. O desequilibrio dos espiritos que dolorosamente os impeliu para os tenebrosos páramos da Duvida, a dôr que lhes roubou a alegria franca d'antigos tempos, são legados de nossos pais. O positivismo, a golpes violentos de razão, consumou a derrocada iniciada por esse movimento culminante e tenebrosamente gigantesco que na historia é conhecido plo nome de Revolução Francesa.

O mundo das crenças cambalhotou soturnamente a rajadas de filosofia. A luz da Razão substituiu o calor animador da fé. Derrotaram a esperança duma vida celeste, conquistaram a certeza duma vida terrena. D'ái o seu triunfo desassombrado. Um dia essa filosofia perdeu o character de definitivo. Já se havia desvanecido a fé religiosa, desvanecera-se agora a certeza scientifica. E, sem esteios aonde se amparar, esta geração nasceu sob a influencia de desoladoras es-

treias e, cheia de incerteza titubeante, lançou-se no mar da Duvida. Volta a superstição a dominar o espirito dos artistas. E, em todas as paginas modernas, fulguram, a cada passo, em ceus pessimistas, relampagos de Fatalidade. E assim é justo que suceda.

A sciencia sociologica regula-se, metodisa-se, tendendo para a precisão da fisica. A descoberta de leis que regularam sociedades desaparecidas deixam-nos fazer hipoteses sobre o caminho das sociedades futuras. Daqui a ideia desconsoladora de que tudo isto gira num circulo vicioso. A visão do passado afirma-nos a inutilidade do presente, e esta a inutilidade do futuro. E' a apreensão da rotina, esmagando as poucas energias sãs que esta geração ainda conservava.

Mas ha mais. Reparem vocês no tragico fim que tem tido, dès meados do seculo findo para cá, quasi todos os artistas. Aqueles que, numa idade tenra a tuberculose poupou, vieram a finalizar a vida tragicamente. Redobrou o esforço intellectual necessario para fazer coisa de geito. Daqui, o cansaço rapido, a neurastenia enervante que fazem obras inteiras cheias de alucinações. Maupassant oferece-nos um exemplo flagrante. E hoje, escreve Fialho, andamos todos de braços erguidos, gritando doidamente e pedindo aos outros que nos livrem de nós mesmos.

De geração em geração o estrondoso grito de Goethe vai encontrando ecos que se robustecem: estamos fartos do mundo que nos sustem; odiâmos o carcere que nos encerra tiranicamente. A impossibilidade de concretisação desta formidanda audacia, deu um pessimismo cheio de força, que tem atordoado tudo com os seus gritos.

O egoismo tornou-se feroz. Os artistas formam uma aristocracia intelectual e conservadora.

Entanto, a multidão, sedenta de democracia, caminha avante na conquista das reivindicações. O artista divorciou-se da grande massa. O individualismo nasceu. A arte tomou um caracter anarquico, fundado na angustia dum esforço ingente. E', portanto, doentia e morbida. Tal é a geração que mereceu ao sr. Julio de Matos ditos repisados de escarneo e mofa. Atribue aos novos um mal de que eles não são culpados. Herdaram-no. O ilustre professor melhor que ninguem o sabe. Ele pertence á valente falange que devastou o campo.

Passaram a vida a derruir e rinchavilham dos moços que principiam a lançar nova semente á terra.

Julio de Matos está já bem afastado de nós para poder sentir os gritos audaciosos desta geração que nasce. Arvorar o passado em censor do presente é um anacronismo brutal. Escreve depois — *vivemos a imitar a França*.

Isto não é a inteira verdade, mas, ainda que fosse, não constituiria novidade dos tempos correntes. Dês os pseudo-classicos para cá, sempre a literatura francesa influiu poderosamente neste canto occidental. De resto é a Patria do Genio que nos ultimos tempos tem convulsionado o mundo intelectual. No proprio movimento romantico, tirando Scott que conduz Herculano e Shakespeare que influe em Garrett, existem vestigios profundos da arte francesa. Se avançamos um pouco mais encontramos a gigantesca figura de Hugo, depois Baudelaire, Balzac, Zola, Flaubert, na filosofia Comte, Littré e tantos outros.

E todo o mundo sabe a poderosissima influencia que estes vultos sobre nós tiveram. Tirando

Dickens por onde Eça guiou *A Reliquia*, (*) e o autor da *Feira das Vaidades* que lhe aguçou a ironia, poucos mais de além França influíram no nosso meio. E' nesta nação que atualmente o sr. Julio de Matos não vê senão Anatole. . . De forma que Loti, Bourget, Barrés, Maupassant não valem nada. . . Acha o sr. Julio de Matos que a *única coisa original que teem são os títulos*. . . *No mais dizem tudo o que a gente sabe.*

Seria a primeira vez que gerações diferentes produzissem obras eguaes. As aspirações variam com as épocas, segundo o progresso natural das coisas. A obra artistica dum povo é a concretisação dessas aspirações. Ora, sendo diferentes as aspirações, diferentes serão também as concretisações artisticas.

Não ha um ideal para onde caminemos, ajunta o illustre homem de sciencia. Que vem a ser o ideal dum povo? E' luz que scintile por momentos e depois se apague por seculos ou que siga a marcha alternativa das sezões? Não.

Quando um povo tem em si todas as condições sociologicas, necessarias para se constituir em nacionalidade independente, logo no horizonte despontou pujante de força o astro ideal que o guiará pela Historia. O ideal vem a ser o ponto aonde convergem todas as energias vitais e as aspirações supremas partidas da arreigada consciencia de patria. Só quando falha a consciencia de patria, desaparece o ideal, germen unificador de todos os esforços, suprema razão de vida dum povo, em cuja alma o tempo imprimiu profundos caracteres proprios.

(*) Consultem-se uns artigos de João de Meira, aonde se demonstra a existencia de outras influencias.

Escreve o sr. Julio de Matos: *Não vejo que exista qualquer corrente definida, ou mesmo que se desenhe nos dominios do romance, do teatro ou da poesia.*

Destes tres pontos discutirei apenas o primeiro. Teatro nacional não temos, poesia moderna o sr. Matos atribue-lhe o defeito de ser muito individualista, quando não podia deixar de sê-lo, como demonstrei atraz; portanto, passemos avante. No romance parece estar já encontrada a linha de conducta.

Todo o mundo sabe dos aplausos conquistados pelo *Quo Vadis*.

O grande publico, confundindo naturalismo com pornografia, começou de aborrir-se dos processos daquela escola. Ora, aliando o naturalismo ao idealismo, teremos rasgado o grande horizonte da arte futura. Se fôrmos esquadrinhar bem, vemos que os proprios naturalistas nos deram a deixa aonde pegar. Na paixão violenta de Ligia ha qualquer coisa de idealismo; no isterismo romantico de Salammbô descobre-se a scentelha idealista; Gracinha, dançando em volta do camapé em alas que a vira prostituir-se, deixa-se levar por um nervosismo psíquico, quasi infantil, proprio do espirito que, após o tresviamento pelas plagas do mal, volta alegre e reconhecido ao bom caminho.

Na ingenuidade de Judith (conto de Fialho) brota o idealismo isterico duma alma doente. Dir-me-hão que o naturalismo abriu falencia. Ora valha-nos Deus... Em primeiro logar o naturalismo será um simples componente da arte moderna, em segundo logar não cairá por completo.

Das grandes conquistas do espirito humano, passada a epoca em que fazem estrondo, aproveitasse, como elementos de progresso, o que elas

tem de bom. Os seus excessos e defeitos é que morrem.

Entre esta época literaria e a passada haverá elementos d'arte comuns. Mesmo porque se não foge á sequencia natural das ideias. Pode até mesmo o idealismo vir a sobrepôr-se triunfalmente ao naturalismo. Mas, em todo o caso, este elemento lá estará como factor importante. Depois vejam o campo extraordinariamente vasto e fecundo que Coelho Neto abriu ao romance com a publicação da «Esfinge».

A telepatia principia a rasgar formidantemente novos horizontes espirituais, a arte enche-se de surpresas fantasticas que os nossos cerebros mal definem e dão os primeiros passos na descoberta do laço que nos prende ao Alem.

Simplesmente a humanidade não se libertou ainda do rebotalho de cobardia, que o berço lhe appegou á pança, e, acobardada, hesita perante a senda do Desconhecido. Essa grande revolução em todas as manifestações da arte humana, foi prevista por Fialho nas «Pasquinadas». E nós sentimo-la já bem perto.

Longe vai a crendice de que o homem é um ser isolado de toda a Natureza. Ele é um mundo bem mais complexo do que se julga. E ousadamente poder-se-á afirmar que está em correspondencia com todas as forças vivas da materia.

Ocupei-me um pouco mais desenvolvidamente do artigo do sr. Julio de Matos porque foi ele o unico dos velhos que conseguiu despertar a atenção do publico. O resto do artigo gastou-o o ilustre homem de sciencia a troçar da nunca assaz decantada sociedade portuense, por ironia dos tempos etiquetada: — *Renascença Portuguesa*.

E' este um dos pontos em que estamos plenamente de acôrdo. Eu já em tempos ri gostosa-

mente á custa desse episodio burlesco. Achava-o ridiculo; hoje encontro-o extremamente perigoso. O sr. Julio de Matos, porem, não deve atirar com as responsabilidades dessa leviandade estulta para cima duma geração inteira. Que culpa tem o rebanho de que uma meia duzia de ovelhas necessite besuntadelas de méra? Ao diante tratarei o assunto, em separado capitulo, mostrando ao publico, com toda a serenidade dum espirito imparcial, a atmosfera de intriga e mutuo elogio, que tão propicia foi ao desenvolvimento e medrança da associação. De resto ela não passaria duma nota alegre de opera bufa, o seu nome não sairia alem das muralhas da Invicta cidade da dobrada se por i lhe dessem a nenhuma importancia que na realidade merece.

O inquerito veiu chamar sobre esse furunculo de vaidade, que as aguas novas levarão a via de supuração, a vista do publico e logo surgiu a maré alta de gargalhadas. E, ferida de morte, irá cambaleando por essas esquinas, á cata de chão propicio aonde amesendar os derreados ossos.

Agulhas ferrugentas, afeitas por uso á tarefa mexeriqueira de comadres vadias, têm posto em debandada grande parte dos socios, quiçá os de mais valor. Hoje aquilo está reduzido a tres ou quatro mandões de bigodes façanhudos e arrôtos de pimpanasios, que não teem ninguem em quem mandar. Não quero, porem, alongar-me em mais considerações, pois que as reservo para o logar proprio.

O segundo a botar opinião, nas colunas de *A Republica*, foi Lopes de Mendonça, de quem o sr. Boavida se fartou de troçar, ás vezes com muita felicidade e pouca justiça. Mas isso é lá com eles... Lopes de Mendonça figura entre os nossos dramaturgos, desde longa data, e isso foi,

talvez! o que fez lembrar o seu nome. O que ele é como artista di-lo o drama « Afonso de Albuquerque ».

Essa figura culminante da historia humana não arrancou a Lopes de Mendonça dois versos de alucinada grandeza. No seu parecer sobre os novos julga *assistir ao desabrochar de uma escola lirica, impregnada das genuinas tradições nacionais ao mesmo tempo.*

Depois refere-se á benéfica influencia que, sobre o meio, tem exercido a exhibição teatral das obras de Gil e Camões.

Tocou o sr. Lopes de Mendonça os dois pontos capitais do assunto e estas duas afirmações concretas e positivas valem bem tudo o que os outros disseram. Um laivo de verdade e senso appareceu, alfim! Mas logo todos se apostaram em o eclipsar. O eterno defeito do portuguezinho valente! Eu quero vêr em Lopes — Vieira o grande apostolo do movimento. A sua arte é a ascensão fulgurante dum espirito aureolado pelo vago misticismo das coisas. Em todas as suas paginas a alma nacional vive e solta lampejos de grandeza nas tradições que o artista celebra.

O trabalho intelligente que ele tem desenvolvido, quer em conferencias, quer em adaptações ao teatro de obras de antigos tempos, tornou-o crêdor das honrarias que outros emerecidamente pretendem pendurar na lapela.

Vem depois á baila o sr. Adolfo Coelho, homem cujo nome começou de ser conhecido ha p'rá i duas dezenas de anos, por ocasião da captura de Urbino de Freitas. E' lente duma escola de Lisboa e deixa-se empurrar, talvez, pla entranhada má vontade que os literatos de café e cadetes aparvalhados votam a tudo o que parte de Coimbra. O *publico ilustrado* de Lisboa vem a

ser aquele burro de que nos fala Madureira, o qual burro, covarde perante olhar severo do dono, entrega a escoucear desalmadamente mal o azorague lhe deixa a anca em paz. E mata o tempo sornamente, coçando com os costados as esquinas das baiucas vinharentas, discutindo étapes de sífilis e pernas de actrizes, e de momento a momento, embasbacando ante a vista do nalgatorio rijo de qualquer sopeira. Senão veja-se a aluvião de sacripantas, que daquelas escolas saem, com o fisico amarelento de torresmos desenxabidos e o moral mais retorcido que os chavelhos de um veado.

Diz o sr. Adolfo Coelho: *Acresce, da minha parte, que estou longe de conhecer toda a produção literaria, pelo menos a que merece ser conhecida, por qualquer titulo, dessa dezena de anos (de 1900 para cá).*

Por outras palavras: — o sr. Adolfo Coelho desconhece o assunto e ele proprio o confessa. Nestas condições tinha um unico caminho a seguir: — calar-se. Assim não fez e vai d'aí estende-se por tres colunas e pico, cheias de citações, de arrazoados sobre a megalomania, conta historias dum Veloso que ele mui bem conheceu, atira gracinhas a Oliveira Martins e ao positivismo, diz-nos que Junqueiro é ministro em Berne, que Teofilo Braga e Anselmo de Andrade ainda vivem, graças a Deus, que Arriaga foi o primeiro presidente da Republica, cita Bruton, Sousa Martins, Oliveira Martins, Castro Alves, Fagundes Varela, Camilo, Müller, Aristofanes, Veloso (o tal, não conhecem?) Fernão da Silveira, Nisten, Taine, Moniz Barreto, Dugas, Wordsworth, Hugo, Pascoais, um critico da Belue-Revue, Goethe, Viana da Mota, Lucrecio, Virgilio, Jules' Gaultier, Wundt e Byron.

Apoz tudo isto começa-nos de falar sobre o *estilo academico* e os seus perniciosos efeitos.

Localisando os factos, notarei que, na realidade, em Coimbra existe o verbo empoladamente bombastico de que o discipulo se serve para intrujar o mestre, havendo tambem o verbo sebacio de que o mestre se utiliza para intrujar o discipulo. A oratoria do discipulo ainda tem a vantagem, alem de amostrar habilidade, de nos proporcionar boas horas de gargalhada; a do mestre massa-nos soturnamente. É não se me dava apostar que o sr. Adolfo Coelho se deixou influenciar pela leitura da *Sebenta*, esse velhinho legado sobre cujas paginas amarelentas se hão esturricado tantas pestanas.

O sr. Adolfo Coelho, á laia dos coxos, só anda amparado a muletas e, assim, em vez de fazer um artigo arranjou uma pilha de nomes proprios, assinou e mandou p'rá tipografia. Pretendeu talvez abismar as massas com as ideias dos outros. Aquilo não é artigo... limita-se a um simples catalogo dos auctores que leu. De resto ficamos scientes. Chega-se o ponto mais melindroso de todos os que se possam topar pelo decorrer da apreciação ao inquerito. Trata-se do depoimento de Gomes Leal. Essa figura de grandêsa extranha, ergue-se na curva dos tempos entre scintilações satanicas de riso.

Plos seus alexandrinos esbrazeados, cheios de vigor e dureza, corre a seiva ardentemente entusiasta, que em tempos idos fez o heroi e que hoje só conseguiu fazer o rebelde. A sua obra, com todos os gritos de justiça e alucinações aflitivas, é a consciencia duma Patria alarmada sinistramente. Ela é a Epopéia da Dor. E, em paginas sangrentas, aos lividos clarões da polvora, passa, rastejando na Historia por ânos sem conta, a vida

dum povo escravo que, estrebuchando num impeto de suprema audacia, conjuga as energias de oito seculos no almejo de esfatalhar as gargalheiras que o prendem. A's vezes, porem, as arestas afiadas da risada transmudam-se num claro sorriso, cheio de bondade. Toda a vaga se desfaz em franjas alvas de espuma.

Foi esse grande obreiro da Democracia, o qual levou a vida num lutar constante, a lategos de sarcasmos e vergastadas de luz, que veio depôr nas columnas de *A Republica*. A entrevista que facilitou ao redactor do jornal é falha de inteira justiça.

O grande poeta, atraído plos ânos e plo isolamento em que se encontra, poucas coisas acertadas disse. Fala primeiramente do teatro. *Depois de Garrett*, diz ele, *vemos apenas Gervasio Lobato e o D. João da Camara. São duma verdade dum talento admiraveis*. Na parte tocante a João da Camara, o gran-Mestre do *D. João VI*, o extraordinario artista de *Os Velhos*, estamos plenamente de acordo. Talentos assim só de longe em longe scintilam nos ceus da arte. Falando de Gervasio, a verdade choca-se com a opinião de Gomes Leal. Ha no nosso passado um *tipo* grotescamente barrigudo, que muito se assemelha a Gervasio. E' Garcia de Rezende. Ambos de dois tinham muito chalaça, pouco merecimento e gostavam de refastelar patrialcalmente o bendito bandulho. Rezende reune poesias, forma o cancionero para gaudío do monarca; Gervasio pilha por todalas partes anedotas, ditos insonços, e forma o seu teatro para regalo do burguez de grandes matacões e chapéu de racha. A sua obra é uma *pochade*, de feira, sarilho de ditos com pimentão e sal. A linguagem que usa é fraca como marafalhas de pinho e incorreta até

á asneira. Ele sabia tanto de teatro como eu sei de lagar de azeite.

Cita-nos depois Julio Dantas. Este homem, ao lado de qualidades de artista, tem enormes defeitos, que ainda não conseguiu corrigir. Depois, o contraste dalgumas das suas peças com boas obras de bons auctores, tem-o prejudicado muito. Se aproximarmos a *Severa* de *A Rosa Engeitada* e *A Santa Inquisição* de *O Rei Maldito*, o seu brilho torna-se palido de cera.

Julio Dantas fez *A Ceia dos Cardeais* e... pouco passou d'aí. Estudou o seculo XVIII e nêle cristalisou. Apegou-se ao hespanhol fanfarrão e em todos os pratos que serve lá vai o hespanhol com os mesmos temperos do mesmo seculo. Em *As Rosas de todo áno* é banal até á chateza.

E' uma literatura feita de caganifancias, frases macias e ôcas, rom-rom de rendas que passam sem deixar perfume, palavras ligadas em curvas de ritmo sem uma ideia que as notabilise, telintar de farrunpêas, capas ao lado, cabeleiras ao vento e meias cor d'almagre, revestindo rijas pernaçoilas de archeiros.

O fumar dum bera deixa-nos impressões mais vivas e duradouras que algumas peças de Dantas. *O Primeiro Beijo* é a repetição da eterna historia de Romeu e Julieta de Shackespeare. Reconciliam-se as duas familias rivais, cujo odio causara a morte dos dois filhos. Tudo aquilo é chalro, piegas e artificial. Se a memoria me não falha a scêna desenvolve-se tambem no seculo XVIII.

Astuciosamente tem sabido fugir ao empreendimento duma obra de grande folego. Depois dumas tentativas de infeliz resultado, limita-se a fazer coisinhas num acto. O pão sobe e desce, enquanto o diabo esfrega um olho. Nunca chega a aborrecer e nisso está o seu grande talento. O

entrecho da peça tem a duração dum riscar de fosforo. E, mesmo assim, o que muitas vezes o salva é o trabalho dos nossos bons actores.

Dantas tem, sobre todas as qualidades que o possam erguer, o *savoir-vivre* . . . E ter manha, ter ronha num paiz de bifadas é melhor que ter vista aguda de lince em terra de cegos.

Em este passo Gomes Leal diz que por i não vê mais nada.

Esqueceu-lhe falar de Marcelino Mesquita, o unico que, hoje, entre nós faz teatro com o carinho dum artista superior, na posse plena de todos os segredos da sua arte. Vigorosamente nitido no estudo psicologico dos caracteres, descendo á observação minuciosa, conseguiu adaptar ao palco a naturalidade da vida (*).

São estes os reparos que julguei de justiça fazer ao artigo de Gomes Leal, plo que diz respeito ao teatro.

A seguir, o grande poeta fala de romance e, com estranha admiração, li estas linhas: — *No romance lembro-me especialmente de Julio Diniz e Trindade Coelho. São adoraveis! Veja que diferença entre eles e o Eça de Queiroz! Todavia, o Eça é geralmente considerado como o principe do romance moderno e é frase feita que, morrendo, levou a sua arte — dissemos nós, não para emitir, mas para evocar apreciações correntes a respeito do falecido romancista. Qual?*

(*) Neste mesmo artigo vem citado o nome de Eduardo Schwalbach. Conheço apenas dois ou tres trabalhos, creio que os de secundario valor, devidos á pena deste artista. As vagas ideias que d'èles conservo não são base sufficiente para avaliar do seu merecimento, com honestidade e lizura. Abstenho-me, portanto, de formular juizos.

O Eça foi apenas naturalista e não realista. A sua obra filia-se na TEREZA RAQUIN, na MADAME BOVARY, de Flaubert, no DEMI-MONDE, do Dumas filho. A qualidade d'êlé é ser um grande assimilador e de tal modo que, depois, chega a criar e a ficar original. Mas o Julio Diniz e o Trindade Coelho são muito melhores.

Depois de ler isto fica a gente atordoado confusamente, como se uma bordoadá vibrada por um latagão nos esmangaritasse o craneo. Nunca em tão poucas palavras se fez maior confusão.

Gomes Leal pôz antecedentes depois de consequentes, reeditou contra Eça acusações, cuja injustiça o tempo demonstrou.

A arte de Julio Diniz é o laço que prende a continuidade dos tempos. Preenche o largo espaço que vai do romantismo ao naturalismo. Prepara o campo para a ascensão da nova escola. Rasga novos horisontes, mas resente-se ainda da época passada. Sob a fluidez idealista, que adeja serenamente por cima daquelas páginas, borbulha a mentira duma bondade imaginativa, que empurra as figuras para um plano fictício.

Bruno escreveu: — « Destas creações, chegam a ser odiosas, á força de pureza moral; elas movem-se no mundo como o *deus ex-machina* do drama classico; nenhum pensamento ruim lhes passa, nem roçando-os de longe, pelos seus cerebrosinhos de bonecas de Nuremberg; são excellentes, mas não vivem; possessas de generosidade, são insipidas ».

Julio Diniz fugiu quasi sempre á verdade psicologica da vida. Nas obras de Eça passa-se justamente o contrario. A vida ergue-se em toda a sua naturalidade, dêas as scenas íntimas e dêas os rapidos estados de espirito, sem acabrunhamentos de maior, que o psicólogo regista, até aos grandes

momentos tragicos em cuja descrição não ha a notar o defeito duma precipitação leviana.

Nas obras de Julio Diniz ha a discordancia flagrante entre o modo de ver das figuras e a linguagem que elas usam. Nas de Eça a harmonia mantem-se plo decorrer da acção. Pla leitura do trecho acima transcrito infere-se que, na opinião de Gomes Leal, Eça se deixou influenciar, produzindo uma obra cheia de assimilações, enquanto Julio Diniz se mantem inteiramente original. Isto é menos verdadeiro. Não indo mais longe, encontramos na obra de Julio Diniz poderosa influencia de Goldsmith (*) e de Dickens (**), o que, de resto, nada depõe contra o grande romancista. Sobre as influencias que espicçaram Eça, escutemos a voz, mais do que todas conscienciosa, de Sampaio Bruno: «... Como honra seja a esta gente, que se conhece, d'ahi veio que o seu espirito, isto é, o seu particularismo de pensar e de dizer, foi acusado de não — portuguez, acoidado o artista duma superfetação franceza no nosso meio nacional. Quiz-se com isto estabelecer que na prosa do escriptor se podem distinguir as influencias estranhas: de Proudhon, de Taine, de Michelet, pelo que se refere á theoria; de João Paulo, de Dickens, de Karr, de Rochefort, por o que contende com o seu humor; dos parnasianos, de Poë e Baudelaire, pelo que de paroxismatico rebenta nas suas ideações; de Hugo, *pela philantropia*; de Flaubert, pela technia dos processos; de Balzac, pela afabulante vehemencia passional; dos dois Goncourt, pelo invertebrado do estylo, pelo japonezismo das imagens? Então,

(*) *Vigario de Wakefield*.

(**) *David Copperfield*.

nada mais exacto; um escriptor culto o não destaca *ex-abrupto*, tudo concorre e se soma, até minucias que parecem banais.

.....

Censurar, pois, o romancista portuguez de ter trabalhado, aliás com a mais rutilante pessoalidade, sobre um terreno neutro, equivale simplesmente a desconhecer a lei de formação das grandes creações litterarias. Essas acusações, que se originaram do corte da prosa do escriptor, das suas apreciações, das suas preferencias, não deixaram geralmente vêr que, sob a epiderme de estrangeiro, nelle lavra a diathese de portuguez, desiludido, soffrendo da mediocridade da patria, que reputa finda, mas vivendo della pela compartilhação dos seus interesses, mesmo num indignado repudiamento ».

Ha 26 anos que o assunto assim foi tratado e, todavia, esse fervilhar de acusações, umas desfeitas e outras atenuadas já, continua, renova-se a cada momento, bem como acontece á Fenix da lenda.

Julio Cesar Machado, contando a historia de um provinciano, que fôra a Lisboa para vêr de perto os literatos do seu tempo, diz que neste paiz os artistas são estimados só depois de mortos. Os tempos evolucionaram e a patifaria requintou, quintessenciada em perversidade de malandros. Hoje nem mortos os toleram. Refiro-me a essa rebanada de literatêlhos que fervilha pelas esquinas.

Quanto a Trindade Coelho tenho a vaga ideia de não têr escripto romance algum!... Por certo a memoria atraçoou Gomes Leal...

Falando da *Renascença*, o grande poeta, num lampejo feliz, cheio de verdade e justiça, escreve:

« A AGUIA é, quando muito, órgão de uma roda de rapazes (*), que alimentam as suas pretensões d'um mero elogio mutuo ».

Nunca as mãos lhe dôam... Porque, — convençamo-nos, — as bordoadas que caírem no chão é que são mal empregadas. (Eu já lhes falo...). Tem agora a palavra o sr. Gonsalves Viana. Repetindo tudo o que já, mais ou menos, estava dito, ajuntou algumas considerações novas sobre a etnografia, a demopsicologia e arqueologia, historica e prehistorica.

Vagamente romantico, levado talvez pela saudade de tempos volvidos, o sr. Viana ergue ás culminancias da gloria, entre gente varia, os nomes de Tomaz Ribeiro e Bulhão Pato. Ora, estes homens, do romantismo tiveram sómente os grandes defeitos. Veja-se a apreciação justissima que Silva Pinto faz á obra do primeiro nos *Novos Combates e Criticas*.

Bulhão Pato, tirando uma ou outra pagina de prosa, teve o unico merecimento de ser amigo de Herculano. De resto Stern immortalisou o creado, que na vida só tivera aptidão para fazer polainas e tocar bombo.

Depois de falar em Antero e Junqueiro, *julga inutil nomear Garrett, a todos superior*. Mais uma vez amostrou o seu fraco plo romantismo. O sr. Gonsalves Viana mede talentos com a precisão de quem pesa bacalhau. Voga por i afora em maré de citações e eu estou a vêr cara alegre e satisfeita que farão: — Eugenio de Castro,

(*) Quatro ou cinco, incluindo o *guarda-livros* da intellectualidade portugueza, um diabo divertidissimo por muitos motivos e extraordinariamente apreciado plo seu imenso *talento organisador*.

Augusto Gil, Lopes Vieira e Correia de Oliveira, ao verem-se misturados com o sr. Cunha mail-o pai. No romance põe em primeira plana Malheiro Dias. A meu vêr um esquecimento imperdoavel levou o illustre professor a olvidar os nomes dos nossos melhores artistas contemporaneos. Assim: deixou no tinteiro Silva Gaio, Teixeira Gomes, Antonio Patricio, João de Barros, Guedes Teixeira, Pascoaes, etc. etc. Em compensação lembrou-se do sr. Cunha mail-o filho.

No campo da critica passaram-lhe fora do alcance da vista os nomes das unicas individualidades capazes de orientar uma geração: Bazilio Teles e Sampaio Bruno.

As bases dum grande resurgimento artistico foram lançadas por Oliveira Martins, por Ortigão em *As Farpas*, por Fialho em todas as suas obras de critica, por Teofilo Braga na sua *Historia da Literatura*, e o grande plano veio a ser finalizado por Bazilio e Bruno. E, por muito que peze aos temperamentos apaixonados pla esvelteza de Elvira, branca ao luar, esmagada pela tirania dum pai-verdugo, guinchando canibalescamente, o romantismo nem tuge nem muge e não mais voltaremos á pouca vergonha de desculpar adulterios e coroar de loiros velhacas de esquina, que hajam passado a vida a coroar de tartaruga a cabeça dos maridos.

E' isto que não se encontra no naturalismo de Eça. Depois fala dos trabalhos linguisticos que ultimamente teem aparecido. Neste campo Gonsalves Viana é uma das primeiras autoridades do nosso paiz. Subiu á custa do proprio merecimento e estudo, sem trampolines ou favores de criticos fedorentos. Muito ha que aprender no seu exemplo de trabalhador honesto.

São estes os depoimentos que mereceram exti-

rada discussão. Todos os outros estão neles compendiados. Não ha porem, té aqui, muito de que nos possamos queixar, á parte algumas opiniões extraordinariamente bizarras acima apontadas. O bonito guarda-se sempre para o fim.

Assistimos ao acto que fez aventar á plateia tremendos bocejos de tedio; segue-se agora a parte desopilante do caso. Vamos a ver saltar os *saudosistas renascentoides* na corda bamba do insulto. Os bolegos fervem em saraivadas asso-biantes e, plo zunir das fundas que se balançam nas mãos dos rivais, percebe-se que lá vem de esgalhareta nos ares um palavrão brutal, que não chega a ser ridiculo. Queiram virar a pagina.

A "Renascença,, e os novos

.....
*Es claro e notorio que en esta partida
 De grandes e chicos, la mas de la gente
 Bivia syn orden asís largamente,
 Embuelta en pecados é muy corrompida,
 Sobervia, orgulhosa, su llama encendida,
 E toda malicia en torno reynando*

(Ferran Manuel de Lando,
 Cancioneiro de Baêna).

Os grandes movimentos literarios, a dentro deste canto occidental, hão partido sempre de Coimbra, mau grado as afirmações de indigenas descocados. E por desnecessaria tenho a citação de verdades historicas bem vinculadas na memoria de todos. Coimbra é o solar das lusitanas musas. E nas aspirações grandiosas da nova arte que nasce em curvas triunfais de ritmo, canta a paisagem *coimbrã*, cuja seiva, sempre fecunda, vem revigorisar com sonhos de grandeza a gera-

ção que ora se adentra e liberta dos emaranhamentos doentios do tédio.

Oliveira Martins, fazendo a epopeia dos nossos descobrimentos, acorda o espirito aventureiro da raça. E desde aí entrega-se a buscar conchego nas proezas desses visionarios supremos, que durante um seculo aturdiram o mundo e encheram de pasmo desvairadas gentes. O grande mareante, salvador da liberdade europeia, no dizer de Raynal, cançado plo dispendio de energia empenhada na consumação dum sonho secular, volta á terra que lhe fôra berço e, abarrotado d'oiro, adormece pesadamente, confiado na valentia do seu poderio. Tempos volvidos veio á realidade compreensiva das coisas ao sentir as carnes sarrilhadas plos bicos dos esmerilhões. Mas vinha mudado já. Ardera-lhe no olhar valente o relampago de aventura ousada e agora, em posição melancolica, limita-se a afogar a vista nostalgicamente na curva indecisa do mar, cemiterio de mareantes e sonhos portugueses. E' então que surge Antonio Nobre, o grande poeta dos nossos tempos. Em toda a sua obra vibra a alma nacional, fitando a direito o seu passado de gloria. Aí, e nas paginas gloriosas de Eugenio de Castro, se filia todo o movimento moderno. Nas entrelinhas das *Despedidas* adivinha-se tudo o que pr'á i se está a dizer.

A arte de Antonio Nobre é a paisagem coimbrã com todas as penumbras e clarões. A poesia moderna não podia deixar de ter o mesmo caracter. Todo o movimento pertence a Coimbra; aí teve ele as suas origens e progressivo desenvolvimento. Como prova leia-se a obra de Lopes Vieira, o apostolo da geração. Ele é que tem feito verdadeiro renascimento e todas as honras lhe cabem. Ha, porem, quem atribua toda esta

actividade intelectual ao Porto, por lá se haver fundado uma sociedade de burgueses bem humorados, que se propuzeram mangar com *isto*.

Ora, os intelectuais tripeiros, socios d'aquella agencia de elogio mutuo, veem a ser Pascoais e mais dois ou tres, cujos nomes me não alembam. Quem é que afirma que do Porto sairá a nova aurora redentora? A voz autorizada de Pascoais, o grão-capataz, em volta de cujo nome já se vai formando a lenda. Vamos, porem, a vêr os factos e encontramos: — quasi toda a colaboração de *A Aguia* da primeira serie é de Coimbra e na segunda observa-se o mesmo. De forma que o movimento portuense limita-se a um movimento de tipografia. Toda a renovação em que se trabalha por i, não tem nada com a « Renascença ». Ao principio talvez tivesse, hoje não. Como prova, corre por aí que, João Deus Ramos, que tão laboriosamente se tem empenhado em produzir qualquer coisa de util, foi escoraçado da « Renascença » por motivos que empurram os guardiões da sociedade para um campo exuberante de ridiculo e mofa.

João de Barros, durante tempos conclamado por eles um artista de genio, passou a ser a *maior negação poetica da nossa raça* dès que os mandou bugiar. Atraiçoando o programa que se havia imposto, a sociedade veiu a transformar-se numa bostela de vaidade e estupidez massiça, que de pronto se esburralhó mal lhe roçaram na volva os primeiros bafos do senso comum.

Levemente enlagariçados de esperteza, procuraram condições faceis de vida em atmosferas de intriga bem enjarocadas por enlheeiros sabidos no misterio da arte. E era muito de vê-los, gritando como estafalarios, que haviam arrematado, por preço elevado, pipas e pipas de talento. Só eles

eram espertos... os mais uns burros, uns camelos. Entanto, passavam a vida poetizando, com a sornice de preguiçosanas embasbacados plas esquinhas, os alevantados dizeres do respeitavel Aca-cio. A's vezes lá vinha um dito, um pensamento que nos agradava, mas logo a reminiscência os fá filiar nas paginas portuguesissimas de Nobre. Alguem se alembrou de dizer que o *sangue lhe rezava nas veias* e vai d'aí todos sentiram, com espanto, que também tinham nas veias o sangue a rezar.

Afonso Duarte principiou a cantar as grandes agonias coloridas do sol e logo eles, serventes que desconhecem o manejar da trolha, enregaram a dar pinceladas á matrôca, borrando telas. Fazem versos como quem falqueja madeiros. E para ver a estreiteza parrana que por lá adêja, oiça-se: O sr. Pessoa escreveu um artigo em *A Aguia* aonde anunciava o aparecimento do *super-Camões*; esse artigo vinha assinado. A responsabilidade era do seu auctor. Tempos depois numa critica que fiz em *A Rajada* escrevi, a proposito duma obra mijada que fez barulho de coisa olimpica: *parecia tratar-se do tal SUPER-CAMÕES anunciado pelo S. João Baptista D'AGUIA.*

Essas palavras levavam em baixo o meu nome, a responsabilidade d'elas cabia-me. O director da publicação não tinha nada com isso. Pois aquelas luminosas creaturas lançaram sobre Afonso Duarte o anatema terrivel. Ele havia cometido o formando crime de dar aos colaboradores da sua revista plena liberdade de pensar. E, quando o despediram de socio, lembravam-lhe a agravante *de ser eu reincidente.* Os patuscos! Os supremos patuscos! E então, para escoucear todo aquele que valentemente se renta nas suas pateticas e aleivosias de tasca, arranjam uma *fogueteria*, especie

de *Pimpão de A Aguia*, aonde esvurmam as asneiras sobejantes.

A formação da sociedade portuense é a unica laracha com espirito que o povo portuguez tem botado nesta ultima dezena de anos. E, nesta genticinha, plo ordinario parrana e macambuzia, os *saudosismos* apregoados produziram o efeito de cocegas. E lá se foi tudo quanto o diabo fiou.

Queriam esses *liberalões* rasgar horizontes duma nova era, impondo o servilismo de pensamento. Queriam ter as honras de desassombrados, eles que vivem do elogio que uns aos outros tecem. Queriam trilhar ineditos caminhos, repetindo-nos tudo o que já está dito magistralmente por Oliveira Martins e Antonio Nobre. Queriam pregar disciplina e ordem, eles que, como demonstrou Raul Proença, principiaram por amarfanhar todo o programa de antemão traçado. Por isso todos fugiram, e os mandaram pentear macacos.

A época de sabugismo passou, meus ricos amiguinhos. Hoje cada qual triunfa á custa do proprio merito e quem tiver merecimento não aguenta a canga que qualquer pateta lhe quizer sobrepôr no cachaço. O despota morreu com o aparecimento da dinamite.

Mas como eles estão, coitados!, coitados!... diria o Maia.

Perderam o equilibrio, doidejam á tóa, agarraram-se a tudo na ancia dum salvamento impossivel. Parecem o Vilaça, percorrendo á lufa-lufa as salas do « Ramalhete » em cata do chapéu.

No ultimo artigo de *A Aguia*, firmado por Pascoais, vem a prova do que deixo afirmado. Começa por fazer *bichinha-gata* na cara de Raul Proença, tenta levá-lo outra vez pr'á grei... Qual historia! Raul Proença, depois das declarações que publicou, não pode voltar; o seu respeito proprio a

isso o obriga. Analisemos o artigo: — *Por isso o Porto é o berço da «Renascença», o lugar carinhoso e natal onde ela desabrochou para crear raizes em toda a terra portugueza.* O berço da «Renascença» é no Porto, tudo nos afirma que devia de ser no Porto, não podia, mesmo deixar de ser no Porto. Só o Porto poderia produzir coisas destas, aquele Porto que Camilo conheceu! E, num romance dele, discutindo-se a vida dum personagem, tentaram descobrir a sua naturalidade. Todos os convivas a desconheciam, *mas, como o homensito fosse parvo, concluíram que era do Porto.* De forma que a «Renascença» está onde deve de estar: — no Porto.

Passemos avante: — *As manifestações da Camara municipal e do Centro comercial mostram bem o que acabamos de afirmar: a plena identificação do Porto (outra vez o Porto!) com a «Renascença» e o seu programa.* Riquissimos ratões, impagaveis maduros!!!... Isto é pr'á gente morrer de galhofa... A' parte a leviandade de a Camara, temos de salientar a manifestação do Centro comercial.

Vendo que os literatos lhes fogem, apela para os caixeiros, a quem, a dentro de pouco, darão cincoenta por cento de abatimento na compra das suas obras. Pelo que vejo o Porto ainda é o mesmo Porto. O que o berço dá a tumba leva.

E lá se vai agora o Porto zangar comigo, injustamente. Peçam contas a Pascoais. Ele é que afirmou *a plena identificação do Porto com a «Renascença» e o seu programa.* Isto ainda é peor que chamar-lhe a *cidade das tripas*, de cujo miôlo eles fizeram os pedestais da sua gloria. Mas toda aquela gente está com os *renascentoides*. Julio

Brandão assim o atesta, nos grandes elogios que lhes fez. Meus amiguinhos, ele conhecia-os bem e de perto, senão com intimidade. Creio que Pascoais, após a última correspondência de Brandão, não mais veio a público. Talvez ele meditasse no seguinte período que transcrevo: *Ah! se nós quizessemos dizer o que ouvimos a Pascoais a respeito de algumas pessoas que hoje turibubula, á cata de elogios! Se quizessemos descer á intriguinha de alfurja, em que ele se compraz! Porque nós conhecemos a alma do vate em seus meandros, E' tenebrosa e tragica.*

E' interessante, não acham vocês? Mas ha mais. Pascoais chamou jumento, imbecil e coisas varias a Julio Brandão, num artigo publicado ha pouco tempo. Ora confronte-se com estes dizeres de J. Brandão: *Mas o caso tipico é que Pascoais, na dedicatória desse volume, como nas de varios outros e ainda em cartas, — me encheu de elogios, hiperbolicamente tocantes, como poeta e como prosador.*

Que dizem? E' cheiroso... é cheiroso.

Foi isto que o desorientou, que o reduziu ás verdadeiras proporções de um bom poeta como muitos, e de um homem como a maior parte. Esta é verdade, escusam de embrulhar a questão. E, vendo-se perdido, começa a armar em martir. O *truc* já é bem conhecido e não pega. Ora leia-se: *«E bem é que encontrem alento, precisamente na hora em que pseudo-portugueses, mais ou menos envernizados de literatura, os guerreiam com todas as armas, desde a facada traiçoeira á calunia vil»*.. — Qual calunia nem quais facadas... Facadas foi ele, Pascoais, o primeiro a dá-las, duma maneira porca e sáfara. Julio Brandão, com mais arte, pagou-lhe na

mesma moeda, deixando-o a coar ar de bandulho virado. E'-se *pseudo-português* por não concordar com Pascoais e por o combater... Já viram patetice mais estrondosa?

Depois vem falar de *envernizados de literatura*, ele que é um ignorante chapado duma audacia pasmosa! Que sabe este homem de história, além das sandices galegas que tem proferido *sobre saudosismos* e trampolinices de charlatão aposentado? E ainda fala em caluniadores... Tem a vaidade de julgar que ha gente que se importa com eles. E' ingenuo, o raio do homem! Ninguém calunía porque ninguém quer saber de vocês. Todos se riem, todos troçam.

E vem ele falar em facadas... Não aguentou o pulso firme de Brandão e agora vem-lhe atirar de esquina. Tem ronha o expediente...

Por hoje, meus caríssimos amíguinhos, *em paz e ás moscas*.

Será este folheto uma nota alegre da minha vida. Os espectáculos cómicos tão caros estão que é mister não desperdiçar um unico que surja. Tudo o que tentei fazer nisto se resume: — rir á custa dos que choram. E' cruel, mas a natureza humana é assim. Nada de zangas e rancôres. As arrelías tiram anos de vida. E as vidas são curtas nos tempos que passam.

Eu não quero porem contraditar Pascoais. Credo, mana, que susto. Pascoais é o profundo! Pascoais é o maior genio de todos os genios que no mundo surgiram.

Um imperdoavel falhanço de memoria levou os profétas d'antigos tempos a não anunciarem a sua aparição.

O Universo arfava de angustia. Do espirito das Coisas irradiava incerteza dolorida e por toda a parte se rasgavam, em fundos trágicos, bocas de amargura. Nuvens de Dôr, correndo em místicas procissões longas, mui longas, entristeciam os Ceus do Espirito. E toda a Terra gemia, escutando na Treva a voz do Cataclismo. Desafferrolharam-se as portas do Inferno e os Diabos saíram em satanicas procissões, longas, mui longas, sempre muito longas. E avançavam em turbilhão compacto, deixando, sinistramente, nas sombras, relampagos de fogo. A atmosfera carregava-se. As Gentes ululavam aturdidas e, ao fedor do enxofre que os diabos expandiam, juntava-se já um cheiro duvidoso, vagueando no ar.

— Se escapamos desta enriquecêmos, gritava uma lavadeira.

Entanto a confusão aumentava. O rugir da ventania confundia-se com o uivar da Humanidade. Plo sub-solo passou um rugido soturno, que pouco a pouco se foi robustecendo.

Que seria? — Que não seria? perguntava-se para os lados. Breve tudo se esclareceu: — era um côro de formidanda chusma de bichinhos que pedia á Humanidade mais comiseração para com eles... E os Diabos lá iam por í afora, metidos em grandes rabônas de abas bamboleantes, chapéu de côco, gravata encarnada, rabo na algibeira para evitar pisadelas, lá iam em demanda da Porta Celeste, talando o espaço com as suas cantorias, bebadas de alegria e triunfo.

Só então se compreendeu o que se passara. Os diabos estavam revoltados, ia pelo Inferno pancadaria de crear bicho. Neste comenos dois es-

trondos homericos ecoaram. A Porta Olimpica cedera aos empurrões. Haviam-lhe metido os tampos dentro. São Pedro estava dormindo, pregaram-lhe uma talocada nos cascos, amarementos como marmelo cosido, e passaram ávante. Foi medonho o reboiço. Cadeiras quebradas, missais estrafalhados, chinós, rosarios, regalos, habitos de frades, tudo prá li estava em balburdia e desatino. Os diabos caminhavam sempre em saltos desengonçados, estonteantes, como numa dança de pirolitos, e lá iam em cata do Ciclo Luminoso aonde repousavam os nossos homens de letras. Era vasta a galeria. E uma fila illustre, sobre a qual pairava um clarão bendito, extendia-se a perder de vista.

Quasi ao centro salientava-se a tez duma figura heroica, assentada sobre um Hymalia de pedrarias, cuja luz refulgia em espirais de suprema gloria.

Nunca se vira um deslumbramento assim. De uma cupula altissima de opala, aonde se miravam opulentamente as ametistas e corais, que alfombravam o pavimento doirado, caíam, em chuva imponderavel e incessante, ondas luarentas de luz. Fronteiramente, em anfiteatro infinito, sentavam-se multidões de virgens, amostrando macias carnes, cheias de encanto e fascinação, e atiravam pelos espaços um hino triunfal de Gloria. A' grandeza do Espirito contrapunha-se a beleza suprema do Corpo. Mas eis que, como uma avalanche de maldição, irrompe por ali adentro a dementada turba dos Diabos, com saracoteios espasmódicos de epilepsia e uivos irrespeitosos de tropa malcreada. Nada lhes conseguira barrar a passagem e a fácil victória sobre os que vivem eternamente acorados, num embasbacamento lôrpa para quem sabe aligeirar um período, convencêra-os fundamente da supremacia do seu po-

dêr. E agora nada respeitavam! E guinchavam: « Pst! ó seus gajolas, pinchem cá pra baixo! » Nisto um diab'alma, escancelado e torcido como vergalho de sôbro, de bigodeira pendente de mongol, travestido de aria-semita (ou o diabo que o leve!), destacou-se da turba. Fez-se um silencio. E, então, o méco, babado de gôso pela respeitosa obediencia, rapou dum canhenho esbotenado e declamou em dó maior:

« Considerando as mil vantagens varias (*)
de bem distribuir as palmas litterarias;
concorda esta academia em que d'aqui ávante,
todo e qualquer auctor, professo ou postulante,
prosador ou poeta, ou sabio, ou romancista,
critico, dramaturgo, ou simples charadista,
fique em tudo sujeito á avaliação suprema
d'esta nossa academia. E o que al fizer, que trema
pois todo o enxame então lhe ha de cair em cima.
D'este modo, jornaes, livros em prosa ou rima,
o folheto, o pamphleto, e quanto se imprimír,
só aqui achar pôde a chave do porvir;
e ninguem mais terá: gloria, saber, valia,
senão nós ou quem for da nossa parceria ».

Calou-se o Diabo-Mór. E então os pobres diabos, sentindo a cêga-rega terminada recommençaram a infernal sarabanda mais violenta agora, mais encarniçada agora, como uma ronda impos-

(*) De Molière.

sivel de mil carrilhões uivando num céu de tempestade.

Na fila luminosa, porém, mantivera-se a serenidade habitual. Ninguém dera por eles. Já se descobriam ao longe as falanges angelicas, chamadas para expulsarem aqueles vendilhões sacrilegos. A lucta estabeleceu-se, mas nada conseguiram.

Repentinamente Camilo ergueu-se. Ladeavam-no Fialho e Silva Pinto. O autor de *Os Gatos* olhava em volta, como quem tenta descobrir pedras. Silva Pinto, tossindo, esforçava-se por arrancar um esgarro. O Grande Romancista aquietou-os e, voltando-se para os intrusos, com gesto violento, aventou: — Girem, seus caguinças!

Os Diabos batecusaram de susto e, humildes como lesmas, reentraram na mansão do Eterno Esquecimento.

Coimbra — Novembro de 1912.

INDICE

I

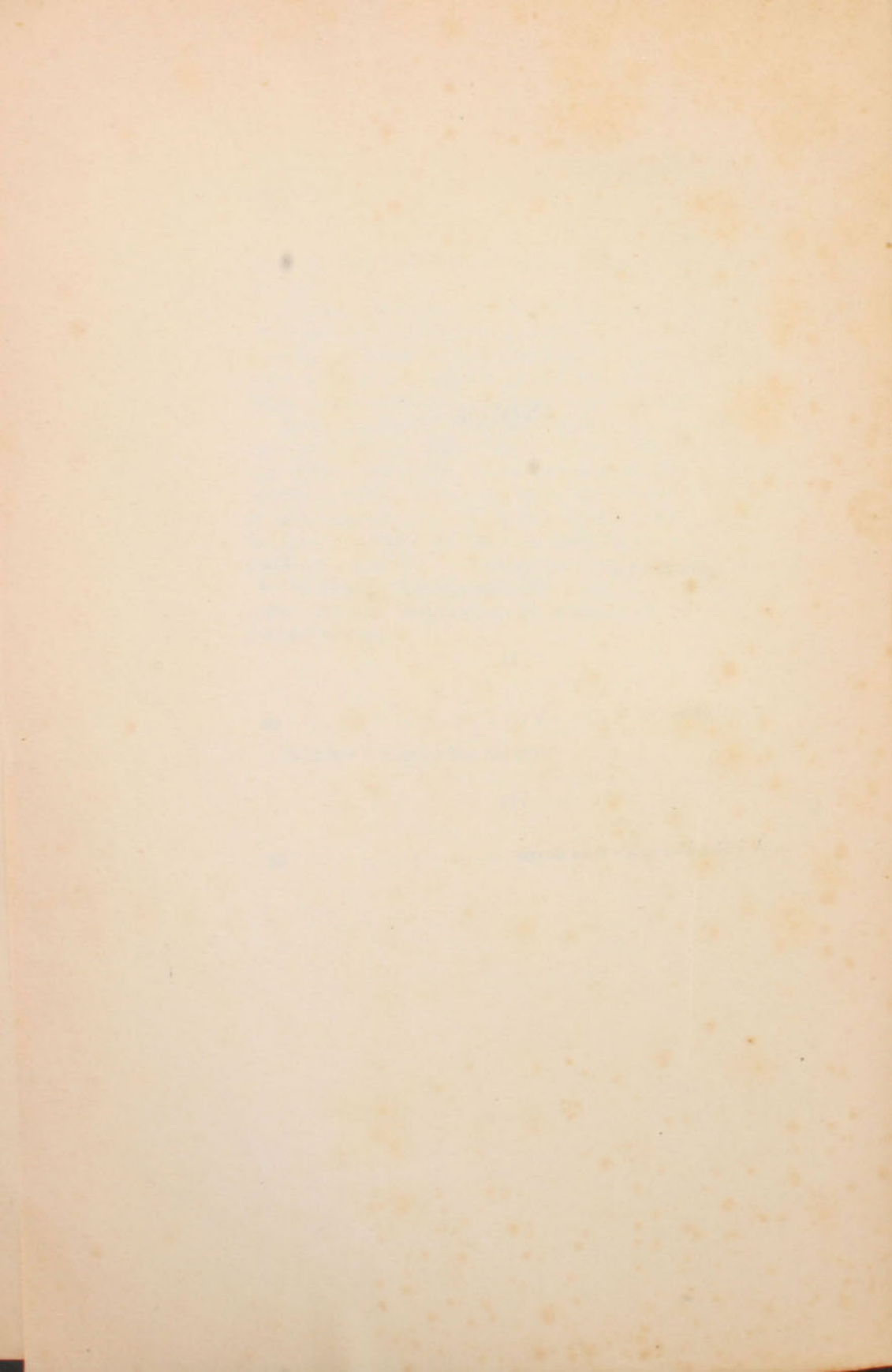
	Pag.
De entrada	3

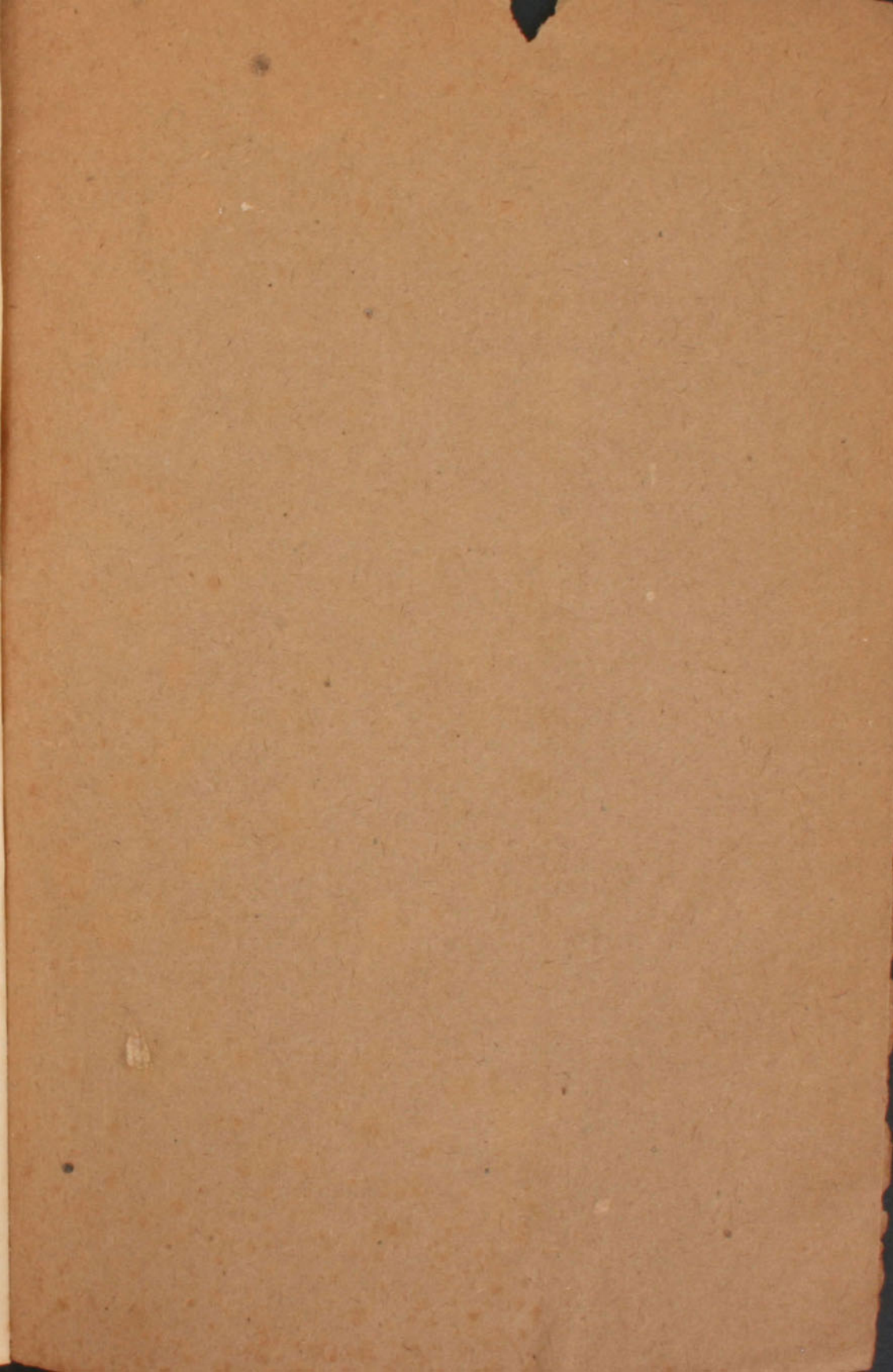
II

Os Velhos.	10
--------------------	----

III

A « Renascença » e os novos.	31
--------------------------------------	----





Guano gr

Fernando Pessoa

Rua Passos Manuel 24, 3, E

Lisboa